

S. Ex^a, O Leitor

TINTAS CARREGADAS

Sou um dos mais antigos leitores. Assino há 30 ou 40 anos, pelo menos. Leio diariamente todas as seções, sempre no impresso. Também leio necessariamente “O Estado”.

Embora as análises que os dois jornais fazem sobre a conjuntura sejam corretas, cada um tem um determinado enfoque.

Os estilos são tão diferentes que é difícil compará-los. A **Folha** é mais neutra; “O Estado” tem uma posição mais definida e, por essa razão, é importante conhecer as duas opiniões.

Às vezes, tenho a impressão de que a necessidade da **Folha** de fazer críticas torna algumas delas infundadas. Para mostrar independência e autonomia, o jornal carrega um pouco nas tintas.

Os editoriais de coluna inteira nos últimos tempos, sobre esse período conturbado, têm sido bem colocados, demonstrando muito mais serenidade do que os autores da A2.

Textos como “Última chance”, que foi de primeira página, demonstram que há uma reflexão ideológica, sem nenhuma carga de ideologia.

Mas gosto dos colunistas, mesmo quando eu venho deles divergir. É uma forma de conhecer opiniões diferentes e bem apresentadas.

Eu brinco dizendo que, se Deus tiver alguma dúvida, ele deve consultar o Hélio [Schwartzman], que tem opinião definida e definitiva sobre tudo. Divergimos muito, mas somos bons amigos.

O Clóvis [Rossi] tem, estranhamente, mudado posições, como, por exemplo, em relação à Venezuela, com opiniões muito mais ácidas do que eu esperaria de quem sempre teve uma tendência muito mais de ataque a qualquer conservadorismo.

Essas leituras me fazem bem, mas não prescindo “O Estado”, porque são duas formas de se obter opiniões diferentes e de formar a terceira, que é sempre do leitor.

Quando trata de costumes, a **Folha** segue uma linha ideológica mais definida.

Cito a questão de gênero, que estava em debate na Câmara, recentemente. Pude acompanhar os dois jornais, e senti na **Folha** uma preferência nítida pela adoção da ideologia do gênero. Ali o jornal não foi neutro.

Outra diferença interessante é em “Tendências & Debates”. A **Folha** trabalha com textos de aproximadamente 3.300 caracteres. Em “O Estado”, é algo em torno de 5.800.

Quando tenho uma questão mais pontual, direta e objetiva para tratar, faço na **Folha**. Quando tenho uma análise mais profunda, mando para “O Estado”.

De política vocês tratam muito bem, mas vejo que na “Ilustrada” e na “Ilustríssima” o jornal tem um enfoque em uma determinada linha literária e desconhece outras.

Há uma linha bem definida de autores modernos, da linha dos que estão administrando a editoria, que o jornal considera serem merecedores de cobertura.

Há um mundo de correntes literárias que são fantasticamente ignoradas pela **Folha**. O que o jornal apresenta é interessante, mas é um samba de uma nota só.

Em matéria de esportes, o jornal me satisfaz. É claro que um “Lance!” vai ter muito mais amplitude. Até “O Estado” é mais abrangente, mas sinto que o jornal apresenta o principal.

Ives Gandra da Silva Martins, 80, advogado, é professor emérito da Universidade Mackenzie, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra

*As mensagens não devem ser reproduzidas no jornal ou no site sem prévia consulta.